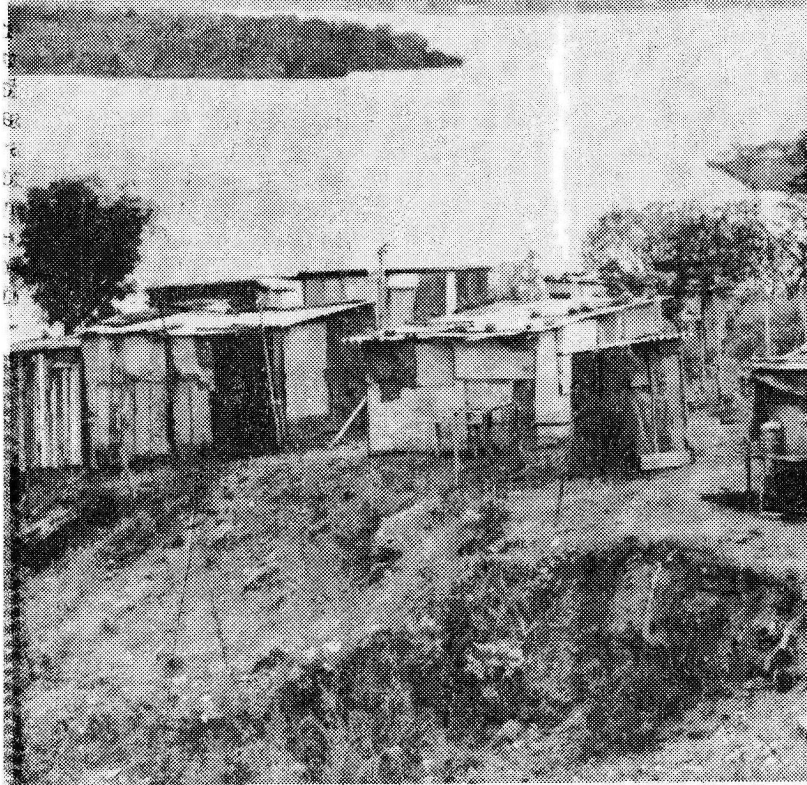


#3 SET 1989

ESTADO DE SÃO PAULO



Aldori Silva/AE

Favelas perto do Lago Paranoá: remoção

Governo de Brasília irá remover favelas

Até outubro o Plano
Piloto será
redesenhado com a
saída de 70 mil famílias

EDNA DANTAS

BRASÍLIA — O cartão-postal do moderno Plano Piloto de Brasília, a parte central da cidade que abriga os órgãos públicos e a sede do governo federal, está sendo redesenhada com a remoção de suas favelas e áreas invadidas. O governo espera que até o final de outubro cerca de 70 mil famílias de invadidos e favelados ocupem lotes semi-urbanizados na periferia da capital e dessa forma sejam erradicadas as habitações que descaracterizam o projeto arquitetônico e urbanístico de Brasília, tombada pela Unesco como patrimônio da humanidade.

O projeto de assentamento do governo começou com a transferência de nove mil famílias para Samambaia, que em breve deve tornar-se a mais nova cidade-satélite do Distrito Federal — hoje existem sete. A área é dividida em quadras e ruas com lotes de 125 metros quadrados, energia elétrica, água, posto de saúde e escola públicos, espaço para lazer e um centro de convivência comunitária.

O lote é doado ao chefe de família em regime de "concessão de uso", para evitar uma prática comum em outras distribuições de terrenos pelo governo: a venda imediata, que gerou o que se chama de "indústria das invasões", ou seja, a formação premeditada de uma invasão para o recebimento do lote e posterior venda. No novo esquema, o lote só poderá ser repassado de pai para filho.

O projeto de transferência das famílias, porém, vem recebendo várias críticas. "É uma prática populista", acusa o presidente do Instituto dos Arquitetos, seção DF, José Roberto Bassul. Ele engrossa o coro daqueles que lembram que o atual governador, Joaquim Roriz, indicado pelo presidente da República, já está com sua campanha nas ruas para a primeira eleição direta do governo do Distrito Federal, em 1990. Na opinião de Bassul, a melhor solução para o problema das favelas e invasões seria a fixação dos seus habitantes nas próprias áreas onde estão.

Apesar de reclamarem da precariedade dos serviços de transporte e de problemas de urbanização da área, os novos moradores de Samambaia, de um modo geral, gostaram da mudança: "O terreno é nosso, e tudo que for feito pode ficar para nossos filhos", afirma Raimunda Maria Medeiros, sintetizando a opinião de parte dos habitantes da futura cidade-satélite.